



Janne Ruth
Coreógrafa

Nos embalos da dança da vida, ela encontrou na solidariedade o ritmo para conduzir a existência

Janne Ruth Chaves Nascimento Viana não cabe nela mesma. Não dá conta sozinha. Precisariam de duas, três ou quatro Jannes para conseguir dar conta de todos os planos da coreógrafa e presidente da ONG Bailarinos de Cristo Amor e Doação (BCAD). A baiana radicada no Ceará tem 52 anos, dos quais passou a maioria dançando sobre palcos daqui e do mundo, ganhando prêmios e realizando sonhos. Eles continuam a reger o ritmo do coração dela diariamente.

Formada em dança clássica por um dos maiores nomes do balé cearense, Hugo Bianchi, Janne subverteu uma aparente carreira fácil nos palcos para construir na periferia de Fortaleza um oásis de oportunidades para pessoas que, de outra forma, mal teriam contato com a arte do movimento. Simpática e naturalmente engraçada, ela concedeu-nos entrevista num dos locais onde mais brilhou na juventude: o Teatro José de Alencar. Lá, foi fácil rememorar todos os passos da trajetória que a fez entrar na dança por acaso, migrar do estilo clássico para o contemporâneo, abrir a própria escola e, finalmente, fundar a organização não-governamental a qual gerencia há 20 anos. Muito vaidosa da própria biografia, Janne não disfarça uma grandiloquência narrativa nos adjetivos que usa para enaltecer as histórias de criação em família, disciplina na dança e solidariedade no trabalho.

A engenheira de uma obra tão grandiosa afirma que tira forças "não sabe de onde" para cumprir todas as tarefas necessárias para manter a BCAD. A instituição oferta, além da dança, aulas de caratê, teatro, música, audiovisual e diversas outras atividades artísticas e profissionalizantes que ajudam a dar esperança a mais de 450 crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Ao mesmo tempo, o exemplo de Janne ajuda

a dar esperança ao que ainda resta de humano em nós, tantas vezes egoístas e desprovidos de bons referenciais de caridade.

Janne Ruth é pura doação. Para que os públicos que atende na ONG possam ter as mesmas chances que ela teve, a coreógrafa se divide em mil para não negar nenhum pedido a eles. Reconhece: "É difícil não saber dizer não". Certamente, para uma pessoa privada tão cedo do convívio materno, dizer sempre sim é sinal de um exercício constante de sacrifícios de uma supermãe, cujo objetivo mais íntimo é canalizar o afeto latente de um cordão umbilical que nunca se rompeu.

As filhas e ao filho, Janne é só exemplo. Seja nos compassos da dança, seja no rastro do trabalho social, a prole herdou as lições de quem sempre confiou no ofício para realizar-se pessoal e profissionalmente. Ao seguir a mãe nos mesmos campos de atuação, os filhos de Janne demonstram o quanto as atitudes dela foram mais importantes na educação que qualquer palavra dita ou não dita. Maldita deve ter sido a hora quando ousaram sentir amargura por achar que a mãe não lhes dava a atenção devida. Hoje, repetir o caminho dela representa um reencontro com as verdadeiras motivações de uma Janne maternal ao extremo.

O maior espetáculo de Janne Ruth ainda não terminou. Ela continua a dançá-lo dia após dia, mesmo com os pés calejados, mesmo com as articulações doloridas, mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas pela ONG. A música que a guia às vezes se atenua, às vezes se engrandece. A Janne bailarina pode parecer cansada, porque já dançou o refrão da própria vida. Mas, quando um refrão é bom, ele pode ser repetido e dançado à exaustão. Ainda que cansada, ela dança sem parar, porque sabe que o ponto sublime de todo espetáculo é o som do aplauso final.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Chloé Leurquin
Naiana Gomes

Entrevistadores:
Camila Magalhães
Chloé Leurquin
Cinthia Freitas
Fernando Girão
Hugo Cardim
Livia Priscilla
Monique Martins
Naiana Gomes
Pedro Borges

Fotografia:
Igor Cavalcante

Texto de Abertura:
Hugo Cardim



Entrevista com Janne Ruth, dia 13 de maio de 2014.

Chloé – Janne, você disse (*durante a fase de produção desta entrevista*), que os momentos mais felizes da sua infância você passou no interior, quando a sua família toda estava reunida. Que características da sua personalidade você acha que são reflexos dessas vivências?

Janne – Eu acho que um amor muito grande, que eu trago dentro de mim. Porque foi o que eu vi lá. Esse interior que eu falo pra vocês é aquele desses problemas de chuva, de você ver um irmão ajudando o outro, levando uma saca de açúcar, uma saca de farinha. E eu via muita colaboração com a família, eu via muito amor, muito carinho dos irmãosque podiam mais, os engenheiros, médicos, com aqueles que não saíram da lavoura. Então, eu vi esse amor, eu vi essa coisa bonita, de um gostar muito do outro. E eu acho que por isso que eu trago isso comigo, desse carinho todo com meus irmãos, com a minha família. Isso foi a coisa mais importante.

Naiana – Naquela época, tinha alguma coisa desagradável para você? Uma solidão? Nessa vida de mudar de cidade, mesmo morando no interior?

Janne – Não. Eu tive uma infância maravilhosa. A única coisa ruim era o problema da minha mãe (*Atenita Chaves Nascimento, já falecida*), a doença dela. A (*minha mãe*) tinha um problema de saúde, estava sempre internada. Se ela estivesse (*em casa*), eu sempre ficava com medo de ela ter uma crise. Se ela não estivesse (*em casa*), eu ficava com saudade.

Pedro – Você começou a fazer balé porque tinha um problema no pé. Também tinha um desejo da sua mãe, que pensava em ser bailarina?

Janne –Tinha! Eu escutava muito ela falar: “Eu dou graças a Deus que a minha filha está fazendo balé, porque eu não pude fazer, porque os meus pais jamais iam deixar”. Mas eu fui fazer por (*causa de*) um problema médico. Eu tinha a cava do pé (*achatada*), eu caía muito, e o médico mandou eu fazer natação ou balé clássico. Minha mãe me matriculou no balé. Mas ela sempre dizia:

“Agora minha filha está realizando o meu sonho”.

A minha grande tristeza de ela nunca ter me visto dançar, (*durante*) todo o tempo que eu dancei, é essa. Era o sonho dela. Na verdade, é o sonho de todo mundo que vai matricular o filho no balé. Eu acho que poucos filhos chegam lá querendo dançar, é a mãe que leva o menino (ou) a menina.

Livia – Em que momento após você ter entrado na dança você se descobriu como bailarina?

Janne – Foi no primeiro teste que eu fiz aqui em Fortaleza, na escola do Hugo Bianchi (*bailarino e coreógrafo. É um pioneiro da dança clássica no Ceará. Em 1996 fundou o Ballet Hugo Bianchi, o qual dirige até hoje, vinculado à prefeitura e referente ao Ballet Municipal de Fortaleza*). Na época que eu fazia balé aqui em Fortaleza, só mulher fazia balé, não podia homem fazer. Era muito selecionado. Você não chegava e se matriculava e pagava a mensalidade como hoje, não, existia uma espécie de audição, na época.

Eu passei nessa audição. Eu tinha certeza que eu não ia passar. Como é que eu ia passar no meio daquele monte de menina, tudo com a mãe alisando, paparicando, botando o cabelinho bonitinho, e eu sozinha, quase que abandonada? Mas a dança entrou na minha história mesmo (*ênfase*) em 1974, quando eu comecei a dançar com a Dora Andrade (*coreógrafa, bailarina e fundadora da Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente – Edisca*), que eu conheci um pouco da dança moderna e me apaixonei demais.

E eu escutei uma frase que alguém dizia: “Ah, quando a gente vê uma coisa, vira um balé”, então tudo que eu via, eu dizia: “Ah, eu vou fazer um balé daquilo ali”. Hoje, eu digo: “Ai meu Deus, é um balé para esse menino se aprontar”. Eu criei que o balé é uma construção, é um prédio.

Livia – Você começou a dançar aos quatro anos. Na infância teve esse momento de você se ver como bailarina?

Janne – Não deu tempo. Desde que eu

A indicação do nome de Janne Ruth foi feita por Camila, que é amiga das filhas dela.

Camila se mostrou bastante empolgada com a entrevista. Ela forneceu à Naiana e à Chloé informações e materiais que ajudaram bastante no desenvolvimento do processo de produção.

Igor, o fotógrafo, ainda não havia tido a oportunidade de fotografar outras entrevistas da revista. Naiana e Chloé o levaram à sala de Ronaldo dias antes do evento para apresentá-lo ao projeto, e ele se mostrou bastante motivado.

comecei, eu gostei. Eu gostava das músicas, eu achava bom sair de casa, porque eu era muito presa, coisas assim. Como eu tenho escola de balé há 32 anos, eu não vejo nenhuma criança com esse impacto. Elas vão muito porque a mãezinha bota no balé, porque fica bonitinha de “collantzinho” (*diminutivo da palavra de origem francesa “collant”. Designa peça de roupa com a aparência de um maiô. Tradicionalmente utilizada para a dança*), tudo bonitinho. Eu digo hoje que o balé me salvou, mas eu nem sonhava em fazer balé.

Camila – Em que momento você pensou: “Isso é o que eu quero fazer até o resto da minha vida, ou até quando der”, “eu quero ser bailarina profissional”?

Janne – Desde o dia que eu passei no teste do Hugo Bianchi, que eu fiz a primeira aula de balé neste teatro (*Theatro José de Alencar, local onde ocorreu a entrevista*). Era muito restrito, você se sentia muito privilegiada (*devido*) ao tanto de menina que queria estar ali. Gente rica, importante, que pagava, se preciso, mas não tinha o mesmo talento. Eu fui escolhida por um talento, que nem eu sabia que eu tinha. Eu nasci para a dança. Eu sempre digo que ela (*a dança*) me achou muito mais do que eu a encontrei.

Começou uma luta muito grande (*ênfase*) a partir dali. Eu estudava muito nas madrugadas, para o meu pai (*Aldenor Nascimento, falecido*) nunca me tirar da dança. Eu sofri muito para dançar. Não é como hoje, que todo mundo dança porque é legal, faz voleibol porque é legal, esporte é legal. O balé era vagabundagem. Então, fazer balé era bem difícil.

Chloé – O seu pai achava ruim o fato de você dançar?

Janne – Muito. Achava que eu ia perder tempo com isso e eu não ia chegar a lugar nenhum, que eu tinha de fazer concurso para banco, me preparar, estudar. (*Ele*) achava que a dança era vagabundagem, no geral. O meu pai era muito sério, muito durão, e ele

“ (Para) o Hugo Bianchi, se você engordasse um quilo, você já era uma vaca (ênfase) (...) O Hugo foi muito duro, foi um professor carrasco.”

O primeiro contato com Janne Ruth foi muito difícil, porque a entrevistada encontrava-se sempre bastante ocupada. A equipe de produção só conseguiu contatá-la após adiantar o assunto para a secretária e amiga da coreógrafa, Tânia.

achava que dançar não ia dar em nada.

Aí tinha dificuldade de me deixar (*na aula*), (*de*) me buscar, porque eu não tinha uma mãe para fazer isso. E foi sempre muito complicado, ele achava que a dança atrapalhava em tudo. Por isso eu virei duas Jannes, a Janne que dançava, e a Janne que tinha de passar por média, que tinha de ser bem boazinha. Então eu fui a filha mais exemplar da minha casa, eu acho que não foi nem porque eu quis, ou nasci. Eu escolhi ser (*boazinha*) pra ele respeitar minha dança. Mas eu acredito que não só meu pai, muitos pais eram assim naquela época.

Camila – Janne, qual é a lembrança mais forte que você tem com a sua mãe?

Janne – São muito ruins as lembranças fortes, porque ela sempre tinha crises. Se fosse no tempo de hoje, com certeza minha mãe tomaria aqueles comprimidos; seria uma mulher que faria uma terapia, essas coisas bem chiques que existem hoje. Naquele tempo não tinha isso, não sabiam nem o que fazer, com o problema dela. Ela ficava muito nervosa; se alterava; levavam para o hospital; (*ela*) tomava aquele choque elétrico, era uma coisa muito radical. Eu me lembro da minha mãe sofrendo, os momentos bons que eu tinha com minha mãe eram muito calmos. Eu tenho só o grande exemplo da história da minha vida, que é minha mãe, que isso talvez seja o que me move hoje, ou eu tento encontrar isso na pessoa que eu sou hoje, pelo trabalho social que eu faço.

Meu pai foi para Quixadá (*município cearense localizado a cerca de 160 quilômetros de Fortaleza*) para ver todas as fazendas, para ver o problema de irrigação. Lá em Quixadá, meu pai arrendou um sítio, nós ficamos entre uma favela, que é o Gogó da Ema (*bairro da periferia de Quixadá oficialmente nomeado “Campo Novo”*), e o Cutiú, que é uma vila. A minha mãe era muito caridosa, ela só esperava meu pai ir para Fortaleza, porque ele fazia os relatórios e vinha para cá, para (*trabalhar na*) EMATERCE (*Empresa de Assistência e Extensão Rural do Ceará*). É um órgão público estadual vinculado à Secretaria do Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará – DAS). Quando ele voltava para Quixadá, a minha mãe já tinha dado tudo. Naquele tempo, tudo era de muito, era de saca. A minha mãe dava tudo e empenhava as coisas para a gente comer.

O pessoal do Gogó da Ema já sabia que a minha mãe era uma pessoa muito boa. Quando o meu pai viajava, dava dez minutos, tinha uma fila lá em casa que tinha 100 metros de gente. Minha mãe ia (*distribuindo os alimentos*) para um, para outro, até a gente

ficar sem nada. *(Depois)* ela saía empenhando televisão, rádio, para a gente comer. E tinha uma vila chamada São Vicente (*"Lar São Vicente de Paulo"* tem nome oficial de *"Casa do Ancião"*, fica em Quixeramobim), que tinha um monte de velhinho. Não tinha onde colocar *(os velhinhos)*, e eles botavam todos nessa casa, e abandonavam.

Minha mãe ia todo dia lá; dava banho; limpava ferida; catava piolho; cuidava deles. E ela levava eu e minha irmã. Mas nessa época eu tinha nojo daquilo. A minha mãe fazia a comida para eles e comia com eles, e eu tinha nojo porque eles eram sujos, barbudos, esquisitos. Mas hoje eu agradeço muito a Deus por ela ter me colocado naquela situação.

A minha mãe foi a maior lição de amor que eu vi! Pelos filhos, então, foi uma loucura, a gente não podia nem sair, quando ela estava. Quando ela chegava do hospital a gente passava dois dias perdendo aula, para ela ficar bem calma. Às vezes ela ia e ficava na escola, esperando a gente, nervosa, com medo de perder a gente.

Lívia – Janne, você falou do aprendizado da solidariedade com a sua mãe, mas, no início, quando ela trazia as pessoas para casa, causava um certo estranhamento em você. Como a sua mãe lidou com esse estranhamento?

Janne – Esse estranhamento não chegava a ser um olhar preconceituoso, de jeito nenhum. Era medo de criança. Eu tinha sete, oito anos, eu era muito pequenininha. Eu via minha mãe limpar aquela ferida, que a gente limpa ferida de filho, bumbum de filho. Mas dos filhos dos outros, o "cocôzinho" já é mais "nojentinho". O do filho da gente, a gente até come, se precisar, mas dos outros não.

Eu a via fazer isso com tanto carinho, e eu tinha nojo, nojo de criança. Mas minha mãe sempre falava muito sobre isso. *(Ela)* tinha uma frase que eu nunca vou esquecer. Ela *(dizia)*: "Nunca zombem de velho, porque se vocês não morrerem antes, vocês vão ficar velhinhos igual a eles". É por isso que eu tenho muito carinho pelos idosos, se eu vir um senhorzinho sentadinho, triste, eu vou lá *(e digo)*: "O que o senhor tem? O senhor vai me contar agora". E beijo a cabeça, e faço a festa. *(Minha mãe)* conversava sobre tudo, ela falava sobre pobreza, falava sobre o negro e o branco, que não podia ter diferença. Como a gente tinha uma situação melhor, *(que)* os meus amiguinhos de sala, porque o meu pai era o cara, lá em Quixadá, minha mãe dizia muito que a gente não era melhor do que ninguém. Foi sempre o discurso dela, a vida toda.

Fernando – Seu pai entrava em conflito



O processo de pesquisa para a formulação da pauta da entrevista proporcionou às produtoras aprendizados interessantes sobre a dança. Festivais, escolas de dança e grandes bailarinos fazem parte da história de Janne.

Além de sites, entrevistas e matérias de jornal, as produtoras também assistiram à diversos vídeos de espetáculos da companhia de dança de Janne Ruth e da ONG que ela coordena, o que tornou o processo de produção ainda mais prazeroso.

Janne Ruth fez questão de marcar a pré-entrevista para o Dia Nacional da Dança, entretanto, precisou remarcar-la para o dia seguinte, devido a um compromisso.

com a sua mãe, por causa dessa atitude solidária dela?

Janne – Demais! Tinha um açude do lado *(da minha casa)* e as pessoas iam roubar água na madrugada. O meu pai tinha raiva dos moradores de lá: porque eles iam lavar a roupa escondido, e sujavam a água, que, na época, era água de beber. As pessoas iam lá com as latas d'água e pegavam água, meu pai nunca negou isso. O meu pai tinha muito atrito com a minha mãe por isso.

O meu pai deixava era ordem *(ênfase)*, nos lugares, para ela não comprar, *(porque)* ela dava tudo, depois saía empenhando as coisas para a gente comer, e comprando fiado. Ela deu um carro dele! E ele foi buscar o carro que ela deu. Realmente, a única briga do meu pai com a minha mãe era porque ela dava tudo que ele tinha.

Chloé – Os seus outros irmãos também herdaram dela esse jeito solidário?

Janne – É, eu tenho um irmão muito esquisito, o mais velho, que é engenheiro. Ele sofre muito até hoje pela morte da minha mãe, então ele vive para o trabalho dele, para a casa dele, para a mulher e para os dois filhos.

Eu tenho outro irmão que *(em)* final de ano, *(de)* tudo o que ele ganha ele tira dez por cento, dá uma parte para a Igreja e a outra *(parte)* ele compra de presente, e vai para debaixo de viaduto, para favela, *(distribuir)*. Faz 20 anos que eu tenho a ONG, e há 20 anos ele é voluntário dela. A minha irmã também, é *hiper* caridosa. Eu não sei se *(eles)* puxaram a minha mãe, eu não conversei muito sobre *(ela)* com eles, porque foi muito ruim, a morte dela.

Até hoje eu não entendi porque eu faço esse trabalho, porque eu sou filha de pai rico, minha mãe me ensinou isso, *(mas)* eu não sei se eu tive essa referência, porque eu era muito novinha. Eu fico olhando para a minha neta, que tem oito anos, e eu boto três anos a mais e vejo: “Meu Deus, como eu perdi minha mãe cedo”. Não sei, eu teria de conversar com alguém de 11 anos, para ver

como eu me sentia na época.

Hugo – Você perdeu a mãe muito cedo. Você já sentiu mágoa ou raiva de Deus ou do destino, por causa disso?

Janne – Muito, de tudo. *(Em)* reunião na escola, *(de)* pais e mestres, eu me sentia a pior pessoa do mundo. Às vezes, eu escondia os bilhetinhos, para o meu pai nem ver, para ele não ir no lugar da minha mãe, porque as mães que iam, não eram os pais. Meu pai era o único homem nas reuniões. Eu sofria *bullying* *(termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo)*, por não ter mãe. E na época em que ela morreu, por ela ser tão boa, eu conversava com a minha irmã, *(dizendo)* que Deus era muito ruim, porque ele tinha feito aquilo com a minha mãe.

Chloé – Como foi a convivência com os seus irmãos, depois que a sua mãe faleceu e a sua irmã mais velha criou um pouco vocês?

Janne – A gente sempre foi muito unido, *(o que tinha)* era briguinha de irmão, normal. A minha irmã teve um problema com álcool, por causa da morte da minha mãe. Se ela tomar duas, três cervejas, já começa a chorar, já começa a dizer: “Eu não pude estudar, eu tive de cuidar dos meus irmãos, a minha mãe morreu”. Ela se lamenta, ela se coloca como coitada. Eu sinto muito ter perdido minha mãe, porque realmente a minha vida foi muito complicada sem ela, mas eu não me lamento, pelo contrário, eu virei uma guerreira, sabe? Para superar tudo.

Naiana – Janne, você já imaginou, ou imagina ainda hoje, se a sua mãe estivesse viva, como seria ela?

Janne – Eu tenho fotos de tias minhas que não morreram, que pareciam muito com ela, e eu sempre digo: “A minha mãe seria a cara da tia Janira, a cara da tia Laura”, em relação à aparência. Ela morreu muito bonita ainda, muito nova, aos 33 anos, uma “bebezinha”. Ela seria a “vózona”, a “mãezona”, porque eu via isso nela, esse amor tão grande. E eu imagino o meu trabalho, com a minha mãe



Durante a pré-entrevista com Janne, realizada na ONG em que trabalha, a ex-bailarina pediu que sua secretária lhe trouxesse um prato com frutas cortadas e um copo de vitamina. O lanche não foi comido.

me ajudando. Eu já conversei muito sobre isso. Eu digo: "Se a minha mãe fosse viva, esse meu trabalho seria 'o trabalho'." Porque a minha mãe ia ser a grande parceira, a grande voluntária. Eu sempre me questioneei: "Meu Deus, e se ela fosse viva?"

Chloé – Você se formou em dança com o Hugo Bianchi, em 1979. Quando você realmente teve essa consciência de bailarina? Como eram os cuidados com o seu corpo, como era a sua vaidade, nessa época?

Janne – Eu era muito magra, eu só vim ter problema com *(com o peso aos)* 25, 26 anos, depois que eu tive a minha primeira filha. Mas eu pesava 48, 50 quilos. *(Para)* o Hugo Bianchi, se você engordasse um quilo, você já era uma vaca *(ênfase)*. O Hugo tratava a gente por "Vaca". O Hugo foi muito duro, foi um professor carrasco. Hoje ele é uma benção, é meu melhor amigo, mas o Hugo dizia: "Você quer dançar igual a uma vaca?" Eu escutei muito isso, eu era criança e escutava isso.

Todas as bailarinas eram muito magrinhas, se tivesse uma gordinha, ela era tão humilhada que ela sumia, ela não voltava mais. Então eu não tive problemas até a minha vida adulta. Até os 23, 24 anos eu não cuidava *(do peso)*, eu era magra normal. Depois eu comecei a engordar, quando chegava setembro, outubro, novembro e dezembro era a fome para dançar em dezembro, nos festivais anuais. Mas muita fome mesmo. Eu deixei de dançar há quase 12 anos, e sempre as meninas estão mais gordas, e eu fico brigando com elas. Eu digo: "Gente, olha, eu não estou no palco, eu posso até explodir, mas vocês não podem, têm de ficar magras". É uma guerra, essa questão. O que mais maltrata o bailarino, além do joelho, é a coisa de engordar, mas maltrata muito *(ênfase)*.

Camila – Você falou que o Hugo Bianchi era um professor muito exigente. Como você era como professora?

Janne – Eu sempre fui exigente. Eu nunca fui brigona, eu nunca humilhei uma aluna, eu nunca tive de usar essas artimanhas, que não só o Hugo *(usava)*. Aqui tem pessoas conhecidas, que maltratam mesmo, que dizem assim: "Se você não perder três quilos, você não dança, e não dança mesmo". Deus me livre deixar um aluno meu de fora. Ele dança nem que seja boiando, lá atrás, rodando igual a uma bola, mas ele não fica sem dançar *(risos)*.

É tanto que eu criei metodologia para tudo, para dançar se estiver mais gordo, mais magro. Porque eu não tenho esse direito. Tem pessoas que ficaram traumatizadas, tem meninos que fizeram seis, sete anos de *(aula)*

"Aqui tem pessoas conhecidas, que maltratam mesmo, que dizem assim: "Se você não perder três quilos, você não dança, e não dança mesmo."

de) balé comigo, que hoje, quando falam de dança, dizem que não gostam nem de passar na frente do Teatro *(José de Alencar)*. Isso é um trauma mesmo. Trauma de quem usa *(sapatilha de)* ponta sem estar devidamente orientada, *(quando)* os tendões não estão aquecidos, entre outras coisas. Quando você completa 22 anos, não anda mais direito, os tendões estão acabados.

Tem menina que com dois anos é tão alongada que já pode usar uma ponta, mas é uma em mil. O certo mesmo é você usar a ponta a partir do quinto ano. E tem professora de balé que quer porque quer mostrar alguma coisa na ponta no final do ano, pega meninas que não têm preparação nenhuma e já joga na ponta. Essa menina, quando ela completa 20 anos, está acabada, rompe o joelho, rompe tudo. Eu vejo balé aqui que eu digo: "É um assassinato". A dança é muito dolorosa, muito difícil dançar na ponta do pé, são muitas aulas, é muita repetição.

Chloé – A sua formação com o Hugo Bianchi foi toda em balé clássico.

Janne – Foi, balé clássico puro!

Chloé – Como começou seu interesse pela dança contemporânea?

Janne – Eu morava atrás do *(Shopping)* Center Um *(Primeiro shopping center de Fortaleza, foi inaugurado em 1974. A entrada principal está localizada na Avenida Santos Dumont, bairro Aldeota)*, e meu pai teve de sair de lá porque pediram a casa, e ele comprou uma casa do outro lado da cidade, porque ficava mais perto da faculdade do meu irmão. Lá eu conheci a Dora Andrade, eu morava muito perto da Dora Andrade, e ela tinha uma academia de dança. Eu era aluna do Hugo ainda, eu estava no sexto, sétimo ano, e gostava muito de dança. No Hugo eu fazia *(aula)* dia de segunda, quarta e sexta, eu soube da Dora, fui lá e me matriculei, para fazer dança moderna, jazz, essas coisas.

Eu só terminei lá no Hugo porque eu

A pré-entrevista com Janne Ruth durou aproximadamente uma hora, metade do tempo da entrevista. No entanto, Janne surpreendeu nas duas ocasiões, trazendo histórias e informações interessantes sobre a trajetória e o trabalho social que desenvolve.

Durante a pré-entrevista, Janne se emocionou ao falar da mãe e não conseguiu conter as lágrimas em dois momentos. Na entrevista a emoção também era notável.

Janne fez questão que Bento, bailarino e ex-professor da ONG, e Tânia, amiga e secretária da ONG, falassem com a equipe de produção antes da entrevista oficial. Tânia, porém, só pode conversar com a equipe por telefone após várias tentativas.

fui obrigada, porque eu me apaixonei pela dança moderna de cara. A dança moderna, aquele olhar contemporâneo, aquela coisa diferente... Nem a Dora sabia o que ela estava fazendo, porque ela já era bem contemporânea, mas nem ela sabia a criatividade que ela tinha. E a gente foi trabalhando isso juntas, a gente teve uma academia de balé lá em Sobral (*munícipio cearense localizado a 240 quilômetros de Fortaleza*).

Chloé – A senhora e a Dora Andrade?

Janne – A Dora abriu a academia e com pouco tempo ela me convidou e eu fui uma espécie de sócia dela. Eu trabalhei anos com ela, lá em Sobral. E a gente trabalhava muito a dança contemporânea, a dança moderna, a gente gostava muito disso. A gente fazia o balé clássico, porque tinha de fazer. Mas o dia da minha liberdade foi o dia (*em*) que eu peguei a minha sapatilha ponta e disse: “Eu nunca mais faço isso na minha vida”.

Hugo – Existia alguma rivalidade entre quem fazia dança clássica e quem fazia dança contemporânea?

Janne – Existe a rivalidade de quem faz clássico (*com quem faz*) clássico. Contemporâneo (*com quem faz*) contemporâneo. Ah, meu filho, não existia não, existe: estão todos se matando até hoje.

Pedro – Você montou a sua academia de dança muito cedo. Qual foi a dificuldade de montá-la sendo tão nova?

Janne – Foi só convencer meu pai. Porque eu não tive dificuldade nenhuma. Tudo o que eu queria eu fazia mesmo. Era dança, para mim era fácil fazer. Eu abri minha academia com 17 (*anos*). E também passei com 17 (*anos*) na faculdade. Eu passei para Psicologia na UFC (*Universidade Federal do Ceará*), na Unifor (*Universidade de Fortaleza*) eu passei para Geologia, e Letras na UECE (*Universidade Estadual do Ceará*). Então, (*se*) meu pai não me desse uma academia, era demais

Nessa época, meu pai já me ajudava, ele já via que era uma coisa que eu gostava muito. Ele já achava legal, porque ele via que eu me dedicava demais. Eu não tive dificuldade, mas eu abri minha academia errado, abri (*no bairro*) Aldeota, e eu morava (*no bairro*) Bela Vista. O nome (*da academia*) era “*American Dance*”, aquela coisa bem americanizada.

Era tudo errado, porque eu não tinha experiência, eu não tinha nada. Eu só queria abrir uma escola, vestir todo dia um *collant* diferente, (*ser*) a bonitinha, a jovenzinha que dançava muito, essas coisas. (*Eu*) investi todo o meu dinheiro da merenda da vida toda fazendo curso no Rio (*de Janeiro*), então eu era a mulher cursada, né?

Eu era a mulher que sabia tudo, mas depois eu senti um vazio, nessa minha escola, eu vi que não era lá o meu lugar. Foi aí que começou esse impacto que durou cinco anos, eu vi que meu lugar era na Bela Vista, que meu trabalho era para ser social e que eu tinha de dar bolsa.

Naiana – Quando você abriu sua academia, era aluna da Dora Andrade. Você dava aula de dança contemporânea ou clássica?

Janne – (*Eu*) dava aula de contemporâneo, porque eu conheci a Dora em 1974, eu tinha 12, 13 anos, por aí. A partir dos meus 14 anos, eu comecei a ir para o Rio (*de Janeiro*). Então, as férias de três meses de final do ano e as de um mês em julho era no Rio. Fazendo cursos e mais cursos e mais cursos. Fazia muitos cursos de (*dança*) moderna. Nessa época não existia o nome “contemporâneo”. Nem quando eu abri minha escola existia o nome “contemporâneo”, era “balé clássico”, “dança moderna” e “jazz”, que eram coisas muito parecidas. Botava a música mais lenta, era moderna. Olha a pesquisa, que horror! Apertava a música, a mesma coreografia virava um jazz, era tudo de qualquer jeito.

Naiana – Essa vontade de ir além do comum, do que estava posto na época como o tradicional, faz parte da sua personalidade?

Janne – Muito! Eu e a Dora (*Andrade*), nós fomos as duas figuras mais esquisitas daqui. Todo mundo falava mal da gente, porque a gente era muito estranha. A gente vivia dentro de casa de leproso, dando aula. A gente ia lá para Sobral para fazer apresentação e, quando a gente via, estava dentro de uma favela, atrás de menino para dar aula de dança na areia. E eu aprendi isso com a Dora, eu pirei lá. Eu era normal.

Quando eu fui para a Aldeota, eu já fazia essas coisas com a Dora, e a Dora dizia: “Janne, o que tu tá fazendo ali?” A academia dela era atrás do jornal *O Povo* (*Jornal cearense fundado em 1928 por Demócrito*

“Deus me livre deixar um aluno meu de fora. Ele dança nem que seja boiando, lá atrás, rodando igual a uma bola. (...) Eu não tenho esse direito.”

Antes da entrevista, a equipe de produção conversou com a filha mais nova de Janne, Ruth. A conversa aconteceu no Centro de Humanidades 2 da UFC, onde ela cursa Psicologia, local onde acontecem também as aulas de Jornalismo da equipe de produção.



Ruth Ariele, filha da entrevistada, reagiu espontaneamente ao ser questionada se a mãe possui defeitos: "Ixi, defeito ela tem um monte".

Rocha), na época. E eu dizia: "É porque lá (na Aldeota) vai ter aluno que vai poder pagar, e eu não quero que meu pai pague o aluguel". Depois eu vi que realmente era o que ela me perguntou mesmo.

Para mim foi um impacto muito grande quando eu vi que eu era totalmente diferente de tudo o que aprendi com o Hugo Bianchi. O balé clássico do Hugo Bianchi, que foi a minha formação, dou graças a Deus, ficou dormindo por anos. Eu me formei, pra ser formada, porque um "diplomazinho" ajuda, né? Mas eu amava era o que a Dora me ensinava. E ela não tinha diploma nenhum para me dar, mas eu gostava de ficar lá, e o impacto foi muito grande.

Chloé—A entrada na dança contemporânea foi uma espécie de fuga da rigidez da dança clássica?

Janne — Não, eu me matriculei lá na Dora em balé clássico, que eu não sabia nem que ela dançava dança moderna. Eu me matriculei para fazer mais aula, terça e quinta-feira, pertinho da minha casa. Porém a aula de balé clássico dela era diferentíssima. Lá, é como se eu tivesse aprendido a voar. Coisa louca mesmo, totalmente fora do padrão. Por exemplo: ela fez um balé, que eu fui a bruxa, e eu dancei na ponta do pé. A bruxa ganhava o bosque, a princesa morria. A Dora é assim, gente! O príncipe nunca teve vez nos balés dela, não existiu, no tempo (em) que ela fazia esses "contoelhos" de fada. Eu juro para vocês, eu ganhei o vale e fiquei com tudo. Eu dizia: "Que loucura, né?" E eu entrava (no palco) "grrrrrrraaaaannn" (imita a bruxa granindo), de preto, e ganhava tudo. Todo balé dela vinha na mão contrária, por isso que eu gostava.

Hugo — Janne, nessa época você teve o seu primeiro marido. Como foi a relação com ele e a dança, ele ajudava?

Janne — Vocês acreditam que o meu primeiro marido foi meu marido porque ele ia me deixar no balé? Meu pai pedia porque ele era amigo do meu irmão, e era alguém que me acompanhava. No final das contas, eu nunca tive amor pelo meu primeiro

marido, mas ele me apoiava muito no balé e sempre foi meu amigão. Com 20 anos eu me casei, e fui embora, deixei o homem aqui e fui embora.

Eu saí daqui com um dia (de) gravidez. Quando eu me casei eu não tinha nem muita intimidade com o meu marido. Eu não queria que ele namorasse uma menina, e eu me casei com ele só para ele não ficar namorando essa menina, mas eu não queria ter nada com ele. E eu acho que eu tive uma despedida com ele quando eu fui passar seis meses no Rio. Eu passei seis meses no Rio e meu marido aqui.

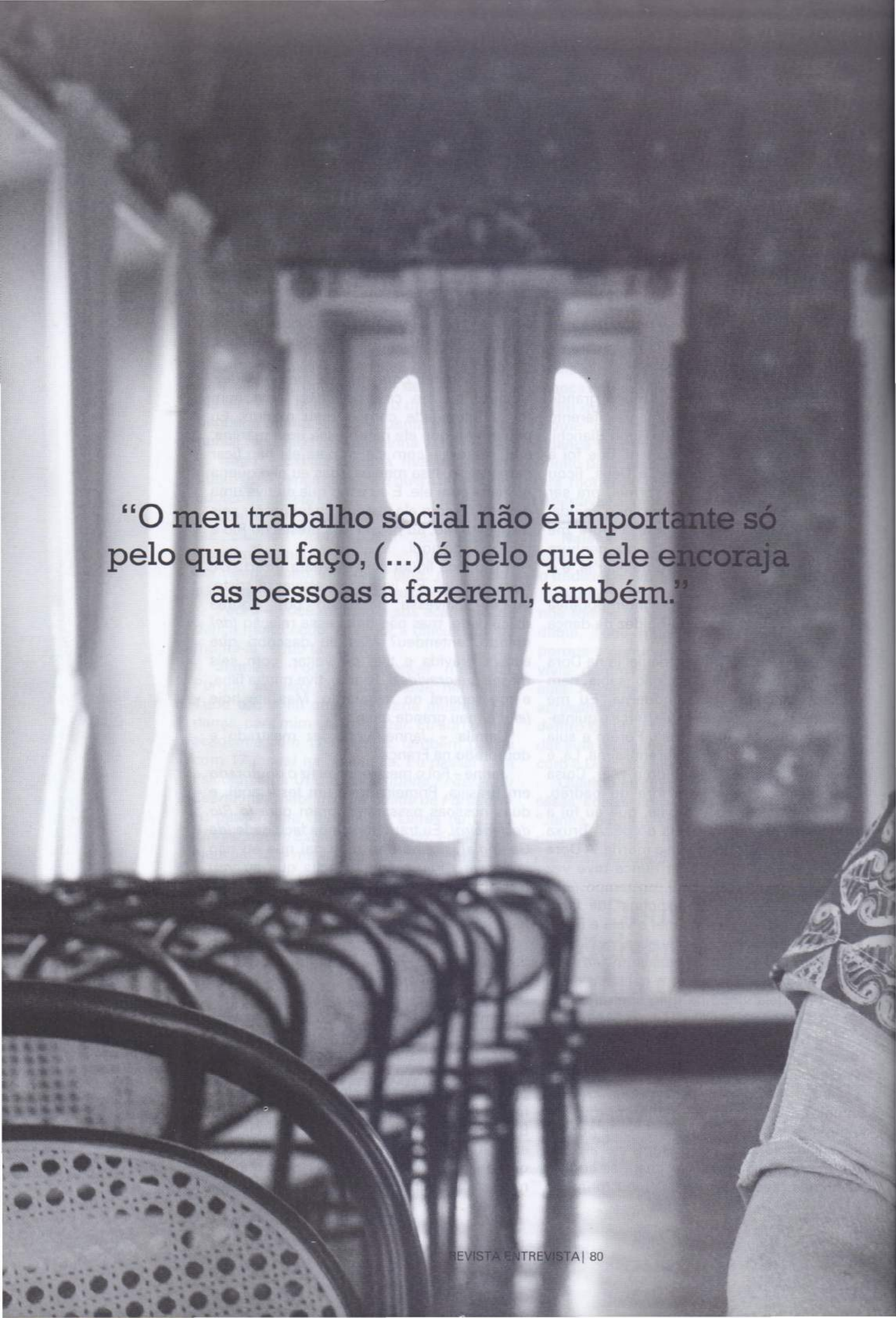
Eu nunca liguei para ele para dizer: "Oi, meu marido" Eu ligava se estivesse triste, ou se estivesse passando por alguma dificuldade, mas não tinha essa relação (de) marido, entendeu? Mas eu descobri que estava grávida e tive de voltar, com seis meses (de gravidez). Pronto, tive minha filha, e me separei no resguardo. Mas até hoje (ele) é meu grande amigo.

Camila — Janne, você fez mestrado e doutorado na França?

Janne — Foi o mestrado, eu fiz o doutorado em Brasília. Primeiro teve um teste aqui, e duas pessoas passaram, foram para (o Rio de Janeiro). Eu tranquei minha faculdade (de Geologia), dizendo ao meu pai que eu não ia passar, "Pai, o senhor acha que eu vou passar para (o mestrado na) França? E eu passei 13 meses fora, ao todo. Seis meses no Rio (de Janeiro), sete meses lá (na França).

Quando eu cheguei ao Rio (de Janeiro), para voltar ao Brasil, tinha um primeiro concurso sul-americano de dança e seminário de dança. Eu nunca tinha visto esse nome seminário, achei tão bonito. Eu não liguei nem para o meu marido, para pedir dinheiro, eu liguei para o meu pai e disse: "Pai, deixa eu ir, são três dias só". Foi a primeira viagem internacional que eu fiz, para fazer um seminário de dança, que foi para Buenos Aires. Passei três dias. Depois que eu voltei ao Brasil, eu vinha chorando: "Eu quero ir para minha casa, ver meu marido, meu pai". Quando eu cheguei no Rio, que

Mas a filha também falou bastante das qualidades de Janne, destacando a admiração que sente pela mãe. Ruth disse que Janne é, para ela, um grande exemplo.



“O meu trabalho social não é importante só pelo que eu faço, (...) é pelo que ele encoraja as pessoas a fazerem, também.”



A entrevista tinha previsão de ser realizada no dia 15 de maio. Janne não se opôs à data, apesar de ser o dia do aniversário dela. A dupla de produção preferiu, porém, antecipar a entrevista para o dia 13 de maio.



eu vi o seminário, *(pensei)*: “Quero ir para o seminário”. Era assim, um casamento meio amizade.

Eu fiz meu mestrado, e o doutorado eu fiz junto com a Dora. A tese que eu defendi foi *(sobre)* contemporâneo. Eu defendi duas, uma de moderno, e uma de contemporâneo. A Pina Bausch *(a alemã Philippine Bausch, mais conhecida como Pina Bausch, nasceu em 1940 e faleceu em 2009. Foi coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de espetáculos de dança)*, nos anos 1980 esteve aqui no Brasil, e ela foi para o Crato *(Região sul do Ceará)*, olha a loucura! E eu disse: “Pronto, é minha chance de defender minha *(tese)*”. *(Ela)* era a única mulher que falava de contemporâneo, *(ela)* e a Martha Graham *(1894 - 1991. Bailarina e coreógrafa estadunidense que revolucionou a dança moderna)*. Onde é que eu ia ver a Martha Graham na minha vida?

Eu fiz *(minha tese)* toda no Rio, falando com pessoas que dançavam moderno, contemporâneo. Foi muito visual a minha pesquisa. Claro que a gente entrevistava as professoras, mas não é como uma faculdade, *(em)* que a gente faz uma produção textual. Não tem texto para você pesquisar, não tem história. A gente tinha três livros de dança para olhar, era muito pouco, não dava, e balé

“A gente vivia dentro de casa de leproso, dando aula para leproso. (...) E eu aprendi isso com a Dora, eu pirei lá. Eu era normal.”

clássico *(repete quatro vezes)*.

Camila – Quando você estava na França, havia algum preconceito por você ser brasileira? Como foi a sua adaptação lá?

Janne – Não, porque tinha outros *(brasileiros lá)* também, pessoas que haviam ido e ficado. O Balé Stagium foi um balé dos anos 1980 que foi o balé mais famoso que teve no Brasil. E as meninas do Balé Stagium eram muito boas, eram as melhores bailarinas que tinham aqui *(no Brasil)*. Eram meninas vindas do Teatro Municipal do Rio ou do Teatro Municipal de São Paulo. Essas meninas faziam o teste e iam para a França com muita facilidade. Eu era muito amiga de todas elas.

Durante todas as férias *(em)* que eu ia para o Rio *(de Janeiro)*, ou, se eu fosse para São Paulo, eu ficava na Rua Augusta, todo mundo do Balé Stagium morava em um prédio da Augusta. Quando eu estava lá *(na França)*, tinha duas grandes amigas minhas lá. E essas duas meninas tinham ido fazer intercâmbio, mas ficaram lá, e eram professoras. Eu não estava em uma grande companhia, eu só estava aprimorando meus estudos. Eu não estava lá para tomar a vaga de ninguém.

Hoje acontece preconceito e briga. Não acontece para ir para a França, não. Basta sair daqui para estagiar lá na *(Escola Estadual de Dança)* Maria Olenewa *(pertencente ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é a primeira escola de dança do Brasil. Foi fundada em 1927 pela bailarina russa Maria Olenewa)* no Rio de Janeiro. A minha bailarina passou duas semanas e veio embora. Ela não suportou ser tão humilhada, *(e)* ela é muito boa, a Regillane. Naquele tempo não era *(assim)*.

Livia – Em toda essa época, em nenhum momento você teve vontade de ficar lá para seguir carreira?

Janne – Juro para você como nunca passou pela minha cabeça. Eu fui muitas

O Theatro José de Alencar foi escolhido por Janne para sediar a entrevista por ter sido um local marcante para a carreira da bailarina e coreógrafa.



outras vezes depois com a minha companhia. Eu nunca pensei nisso. Não era como hoje, não era fácil demais, não era simples, não. Eu queria voltar para cá e me amostrar. Na época, esse negócio de se amostrar era tudo. Chegar e (*dizer*): “Eu passei seis meses (*na França*) fazendo meu aprimoramento de dança, minha tese, meu mestrado...” Era bom demais!

Monique – Você teve alguma dificuldade na França? Por exemplo com o idioma?

Janne – Demais! A França, é um dos países que não aceitam que você fale inglês. Mas eu ficava em um lugar que tinha, acho, oito brasileiros, então não tinha problema. Nessa última vez que eu fui com a minha companhia, foi horrível. Porque as pessoas que eu levei falavam outros idiomas e não falavam francês.

Livia – Qual você considera a maior contribuição que a sua viagem à França trouxe para a sua carreira?

Janne – Se você olhar uma aula de (*dança*) moderna, ela é clássica. Então, quando eu fui defender a minha tese, foi muito fácil, porque eu aprendi que o balé era redondo, e o balé contemporâneo é redondo invertido. Eu defendique o balé contemporâneo era redondo também, (*mas*) invertido. E até hoje ele é assim. Quem não dança um bom balé clássico hoje, não vai dançar nunca um contemporâneo.

Se eu não tivesse estudado esses seis meses e tivesse aprendido isso, eu acho que eu teria ficado só como uma pessoa formada de balé e mais nada. Eu não teria ido (*além*) disso. (*A experiência que eu tive no Brasil me*) ajudou muito mais do que (*a que eu tive*) lá. Porque aqui eu tive mais experiência com a dança contemporânea. Mas, quando você sai do Brasil, é mais importante. Hoje em dia, talvez não fosse, mas naquela época, você ir pra fora (*do país*) era mais importante que a tese mesmo que você fosse defender.

Camila – Janne, você é fundadora da ONG

Bailarinos de Cristo Amor e Doação, o BCAD. O que mais a motivou a abrir uma ONG?

Janne – Quando eu abri minha escola no comecinho dos anos 1980, eu comecei a ver que aquelas pessoas não eram as pessoas que eu queria pra minha vida. Aqueles alunos ricos, chegando de motorista, mas não pagavam a escola. Eu pensei: “Essas pessoas não precisam de mim”.

No tempo da Dora (*Andrade*), a gente ia um lugar que atende a pessoas com Hanseníase (*uma doença infecciosa causada pelo bacilo Mycobacterium leprae que afeta os nervos e a pele e provoca danos severos.*). A gente ia para lá dançar balé pra eles, e fazia um dia todo de arte com eles. E eu convivi muito com esses lugares (*refere-se À colônia de Antônio Diogo, localizada no município de Redenção, na região metropolitana de Fortaleza*).

A gente fazia trabalho também lá no Bom Jardim (*bairro de Fortaleza, no sudoeste da cidade*), com a Dora e com a mãe dela. Eu tinha muita dó das pessoas mais pobres, de ver um animalzinho no meio da rua. Eu já tinha isso dentro de mim, só não tinha me descoberto.

Então, no terceiro ano que eu estava na Aldeota, eu disse: “Eu não quero estar aqui, isso aqui não é minha vida, não é minha história” E eu saí de lá e peguei o dinheiro que eu ia comprar o meu apartamento, do meu primeiro marido, e construí no fundo da minha casa uma escola. Eu não precisava mais pegar dois ônibus e lá eu ia poder atender a quem eu quisesse.

Em 1989, eu já notei que meu trabalho era social, mas eu não sabia o que eu estava fazendo. Não era irresponsável, era totalmente voluntário. Quando eu abri minha ONG de fato, em 1994, foi porque eu não tinha mais ninguém pagando. De tanto que tinha aquelas mães que chegavam (*na escola*) dizendo: “Por favor, deixa minha filha estudar, eu não posso pagar”, eu fui

Para alguns dos estudantes presentes, a entrevista foi, também, uma oportunidade para conhecer o salão nobre do foyer do Theatro José de Alencar. Com capacidade para 120 pessoas, a sala de espetáculo em estilo art nouveau não é menos ilustre que o palco principal do Theatro.

O Theatro José de Alencar passava por um processo de restauro, no dia da entrevista, e poucos espaços não estavam em obras.

A entrada principal estava fechada. Das janelas do Foyer era possível ver trabalhadores em andaimes restaurando os vitrais do Theatro.



aceitando. Quando eu aceitei todo mundo eu disse: "Eu vou fazer um teste para escolher de fato pessoas bem diferentes, que gostem mesmo de dançar", tipo o Hugo Bianchi fazia. Eu fiz o teste e mais de 300 pessoas apareceram. Foi uma loucura! A partir daí, eu não tinha mais ninguém pagando na escola. Ela virou uma ONG sem ser ONG.

Em 1994, ela tomou nome. Eu tinha conhecido a igreja evangélica no ano anterior, em 1993. Em 1994, eu botei: "Bailarinos de Cristo", mas não pela Igreja Evangélica, porque na época que eu conheci a Igreja Evangélica, eu vi um documentário sobre os atletas de Cristo. Eu pensei: "Bailarinos de Cristo". "Amor e doações" é porque o trabalho era esse, porque tudo que eu fazia, meus balés, eram trocados por alimento. É por isso que virou "Grupo Bailarinos de Cristo Amor e Doação".

Naiana – Quando você abriu uma escola de dança na Bela Vista, o seu trabalho ainda não era objetivamente social. Você sentiu um conflito de começar a perceber que as pessoas não tinham condições de pagar as mensalidades, com aquela realidade de balé que você via na França e no Rio de Janeiro, que era um balé relativamente rico?

Janne – Quando eu abri (a ONG) na Bela Vista, eu tinha consciência que eu estava abrindo para gente pobre. Eu queria ser

diferente. Eu botei uma pequena taxa, de 10 cruzeiros. Dez cruzeiros era como se fosse 10 reais hoje. O que mais me impactou foi saber que tinham pessoas que não tinham nem 10 cruzeiros para pagar. Mas a mãe dizia: "Por favor, aceita minha filha, porque era o meu sonho dançar, queria tanto que a minha filha dançasse, e eu não tenho como pagar."

Eu comecei a atender de graça mesmo, e ficava (*pensando*) assim: "Poxa, essa menina tá fazendo balé de graça", porque balé era tão caro. Uma sapatilha de ponta é tão caro, uma sapatilha meia ponta é caro, uma meia dura dois meses, tudo é caro. Eu olhava para as minhas alunas e eu achava tão legal elas estarem fazendo balé de graça! Hoje eu sou conhecida como a primeira mulher que botou o balé de graça no Ceará, mas eu não tinha essa consciência.

Hugo – A ONG também é responsável pelo figurino das apresentações?

Janne – Por tudo! A gente tem uma escola de corte e costura que faz todo o nosso figurino, a gente tem mais de 5.000 peças de figurino e tudo. Hoje é completo, hoje é um trabalho totalmente estruturado, acompanhado por psicólogo, pedagogo. Gente, eu era sozinha, eu dava todas as aulas, eu fazia tudo. ONG eu abri porque eu ouvi falar de ONG, eu queria uma coisa mais séria, ter um estatuto, (*porque*) eu não sabia nem o que estava fazendo, eu estava perdida! Igualzinho a cego em tiroteio, sabe? Você não sabe nem o que está fazendo. Em 1998 (*a ONG*) se tornou jurídica de fato, mas em 1994 já não tinha mais escola de balé Janne Ruth.

Pedro – Janne, o BCAD ficou muito conhecido depois que estreou o *Balé Terra*, que falava sobre os retirantes. Nessa ocasião, você conseguiu falar da condição social de uma forma artística. Como surgiu essa ideia e o que você sentiu com o sucesso desse espetáculo?

Janne – Meus balés passaram a ter temáticas sociais e eu fazia só coisas que me incomodavam e eu via muito na mídia. Então "*Terra sem eira nem beira*" foi o Sem Terra. Foi um ano (*em*) que o (*movimento*) Sem Terra (*Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento político-social brasileiro que busca a reforma agrária*) estava tomando conta de tudo, invadindo fazenda de uma forma muito mais alarmante do que hoje.

Chamou muita atenção também, na época, (*quando*) descobriram aquela menina, Débora, uma mulher linda, que eles encontraram dentro do (*movimento*) Sem Terra, e se transformou em uma grande modelo. Eu fui em dois assentamentos. Tinha

As produtoras e o professor Ronaldo estavam preocupados com a possibilidade de a movimentação no entorno do Theatro atrapalhar a entrevista. Mas, no dia marcado, as janelas do foyer estavam fechadas e o espaço estava silencioso.

um assentamento ao lado da minha casa, praticamente, na frente do INCRA (*Instituto de Colonização e Reforma Agrária*). Eu moro atrás do INCRA. Eu fui para lá conversar com eles, conhecer eles de perto. (*As pessoas*) diziam: "Janne, não vai, que eles vão te matar de paulada". Olha a cabeça do povo! Porque eles iam com aqueles paus, né? (*Inclusive,*) eu usei aquilo no meu balé.

Eu comecei a pesquisar muito, e foi legal porque eu conversei com eles. Passava no Jornal Nacional (*telejornal da Rede Globo*) direto os Sem Terra, e eu gravava tudo. Eu criei o (*espetáculo*) *Terra sem eira nem beira*. E estourou na mídia.

O Zé Ramalho (*cantor e compositor*) estava fazendo um show na cidade e coincidentemente ele ouviu falar que tinha um balé que era (*feito com*) as músicas dele. Ele (*disse*): "Ah, eu quero ir lá cobrar os direitos autorais das minhas músicas", brincando. Ele veio assistir e eu nem sabia que ele estava aqui no teatro. Ele ficou impressionado com o balé, a produtora dele financiou e eu passei um mês no Rio (*de Janeiro*) viajando com a minha companhia. Isso foi em 1998. Depois eu refiz o *Terra* duas vezes. Em 2006, 2005, eu rerepresentei o *Terra*, e foi o mesmo sucesso.

Naiana – Antes de os balés começarem a fazer mais sucesso, de se conseguir essa estrutura e esse apoio das pessoas, da mídia, a ONG passou por muitas dificuldades? Você teve dificuldades para estruturar o trabalho solidário?

Janne – Demais! A primeira vez que eu fui pedir uma parceria, eu não tinha nenhum resultado para mostrar. Eu tinha um sonho, um monte de vontade, um olhar solidário, um olhar social, um olhar responsável, um amor, uma coisa muito grande dentro de mim. Eu criei uma grande paixão por aquela garotada do Bela Vista, do Pan-Americano (*Um dos bairros mais antigos da cidade de Fortaleza. É uma região de periferia*), mas eu

"A gente ia lá para Sobral, para fazer apresentação e quando a gente via estava dentro de uma favela, atrás de menino, para dar aula de dança na areia."

não tinha nada para mostrar.

Eu recebi todos os "chás de cadeira" e passei por tudo. Eu posso até dizer para vocês que por todas as humilhações. Para mim, minha faculdade foi essa época, que eu tive de conhecer todo mundo, ir de canto a canto. Hoje eu faço uma ligação, consigo cem mil (*reais*) para um balé. Hoje eu faço uma ligação para algum deputado, alguma pessoa, digamos, lá em Brasília (*e digo*): "Eu tenho um projeto, eu consegui a verba, por favor, libere esse projeto". Pronto, libera. Não é porque eu sou bonitinha, não. (*O deputado*) libera pela grandiosidade do balé, pelo que ele vai defender lá fora (*do país*).

Cinthia – Em relação ao seu trabalho social, teve algum momento na sua jornada em que você percebeu a importância dele?

Janne – Meu trabalho social é muito importante. O meu trabalho social não é importante só pelo que eu faço, (*pelo*) que eu causo de impacto para a sociedade, nem para as comunidades que eu atendo, não. É pelo que ele encoraja as pessoas a fazerem, também. Ele também é importante porque aquelas pessoas que eu atendo são pessoas muito pobres, da periferia, pessoas em situação de risco, de vulnerabilidade muito

Ao chegar ao Theatro antes da entrevista, a equipe de produção pode escolher apenas uma vaga de estacionamento, que foi ocupada pelo carro do Igor, o nosso fotógrafo. Assim garantimos o transporte seguro do equipamento até o foyer.



Antes de começar a entrevista, Chloé pediu a ajuda de um dos trabalhadores da obra de revitalização do Theatro José de Alencar, para conseguir um banco que servisse de apoio para os gravadores da turma. O funcionário a levou, então, ao palco do Theatro e falou sobre a emoção em participar da preservação do local.

Ao chegar ao Teatro José de Alencar, antes de se dirigir ao foyer, Janne fumou um cigarro, falou ao telefone e penteou os cabelos por alguns minutos. Nesse momento, o professor Ronaldo Salgado e a produtora Chloé observaram Janne por uma janela.

grande, situação de extrema pobreza, até de indigência.

Eu faço elas se sentirem melhores, verem que elas podem ir aonde quiserem. Eu não vou tirá-las de dentro de casa, eu não tenho dinheiro para isso. Eu posso dar uma capacitação, mostrar como o mundo pode ser diferente, mostrar que elas virem da casa delas até o BCAD com aquele shortinho curto vai fazer delas pessoas piores, que elas vão perder todo o respeito com os rapazinhos do bairro. Eu digo que, se elas estudarem, a vida delas vai ser diferente, que elas não precisam ter o mesmo problema das mães, viver muito triste porque os pais vivem dentro de um presídio.

O que mais me impressiona é ver a fichinha delas e ver que criança não tem sonho com boneca, com nada, o sonho delas é comer, a mãe ter uma casa, o pai sair da cadeia. É horrível o sonho daquelas meninas! Eu digo: "Gente, vamos sonhar diferente, vocês são crianças!" Só em eu poder falar isso, saber que elas estão ouvindo, só (de) saber que elas podem ser muito maiores que isso, eu já sou muito feliz.

Cynthia – Você já teve muitas decepções com o seu trabalho e pensou em desistir dele?

No meio desse caminho, eu perdi meninas para a gravidez com 12 anos, eu perdi meninas para estupro, eu perdi meninas para as drogas, mas eu ganhei muito mais. O meu ganho em cima do que eu perdi não se compara. E o que eu perdi me dá uma extrema tristeza, mas eu sei que eu vou perder.

Quando a gente entra na universidade, a gente não está empregada, entra para se preparar. Muitas pessoas chegavam para mim e perguntavam assim: "E o que é que você vai garantir para essas meninas, quando elas saírem daqui?" Eu dizia: "Eu não vou garantir nada para quando elas saírem daqui. O que eu estou fazendo, a qualificação que eu estou dando para elas, o diferencial que eu estou mostrando para elas, preparando-as, é a mesma coisa (de uma Universidade)."

Eu sei que no meio do caminho eu vou perder um bocadinho de coisa, mas eu sei que no meio do caminho eu vou ganhar um bocadinho de coisa. Eu respondi isso naquela época, mas hoje a gente tem um programa de qualificação. Hoje a gente tem parceria com a Petrobrás, com a STDF (Standards and Trade Development Facility, instituição de parceria global que apoia os

"Eu queria voltar para cá e me amostrar. Na época, esse negócio de se amostrar era tudo. Chegar e (dizer): "Eu passei seis meses (na França)!"

Janne – Já! Todo dia. Todo dia eu tenho 500 motivos para desistir e 501 para continuar.

Cynthia – E como você convive com essas decepções?

Janne – Eu convivi muito mal no começo, porque eu deparei com menina de oito anos alcoólatra, com mulheres que dizem que perderam bebê levando chutes (do marido) na barriga, de a barriga abrir mesmo. Eu vi horrores, eu vi coisas que são devidas à desigualdade social, à pobreza, à miséria, à falta de educação. E eu sofri muito, (porque) eu achava que ia consertar o mundo. Aos poucos, fui entendendo que o meu papel era fazer o trabalho social que eu faço, estudar muito, contratar pessoas que pudessem (ajudar), já que eu não sabia nada de assistência social nem de psicologia. Eu montei uma equipe e comecei a ajudar aquele público que eu atendia. Na época, eu pensava: "Só são 170 meninas que eu atendo", mas, veja bem, faz vinte anos. Hoje são 13 mil (crianças atendidas pela ONG). Olha como valeu a pena, né?

países em desenvolvimento na melhoria da qualidade de vida e capacidade para ganhar ou manter o acesso aos mercados). Ano passado, nós mandamos 138 meninos para o mercado de trabalho, dos quais 52 estão com carteira assinada. Hoje a gente tem isso, na época (em) que me fizeram essa pergunta, eu fiquei revoltada. Esse jornalista me perguntou como se eu tivesse obrigação de pegar aquelas 171 meninas que eu tinha e empregar. Onde, meu Deus, que eu vou empregar? Agora hoje, não. Hoje eu tenho várias parcerias, parcerias mesmo. Até para os pais (das crianças atendidas pela ONG). Hoje a gente tem muita coisa, na época a gente não tinha.

Naiana – Ocasionalmente como a da pergunta feita por esse jornalista serviram de estímulo para você expandir o seu trabalho?

Janne – Deve ter sido. Tudo que me perguntam, que me choca, é o que eu faço no outro dia.

Chloé – Janne, você teve alguma decepção específica em relação às meninas

No dia da entrevista, Janne estava vestida com roupas de cores vibrantes, o que a tornava ainda mais expressiva. O amarelo do colete realçava os cabelos loiros da coreógrafa.

assistidas pelo BCAD?

Janne – Às vezes você tem uma paixão diferente por uma menina, um carinho diferente. E eu tive uma menininha que ela tinha 12 anos e eu gostava demais dela. *(Um dia,)* eu estava vindo aqui ao Theatro *(José de Alencar),* quando eu dobrei na minha rua, ela estava fazendo ponto na esquina da minha casa, na *(Avenida) José Bastos.* E esse foi o pior impacto!

Eu fiquei tão mal, tão mal, tão mal *(ênfatizando).* No outro dia eu fui chamar a mãe dela. A mãe dela disse: “Ela está ‘perdidinha’. Não quer nada, não”. Isso ela estava deixando de fazer aula. Ela passava um tempo sem aparecer. Dizia: “Eu não quero fazer *(aula)* hoje não, tia”. Eu cheguei *(e disse)* assim: “Mas a senhora sabe o que é que ela está fazendo?” E ela *(respondeu):* “Ela está com umas meninas velhas, que não querem nada. É fumando cigarro até tarde, na frente do mercado lá, conversando”. Mas ela não tinha nem noção de que ela estava fazendo ponto. Essa foi uma grande decepção que eu tive.

E a outra grande decepção que eu tive foi com uma mãe que eu perdi no ano passado para as drogas. *(Ela era uma)* mulher muito

no Ceará? Você acha que é muito diferente de quando você começou?

Janne – Na época em que eu comecei existiam duas escolas de dança aqui. Não tinha nenhum outro curso a não ser o do Hugo Bianchi e o da Tereza Bittencourt *(bailarina e professora de dança pioneira, teve uma das primeiras academias de dança de Fortaleza),* e depois o do SESI *(Serviço Social da Indústria, instituição que promove a melhoria da qualidade de vida e das condições de trabalho de funcionários da indústria nas cidades em que atua).* Hoje a gente tem: o Fendafor, que é aquele festival que eu faço, Festival Internacional de Dança, a Bienal de Dança *(Criada em 1997, a Bienal Internacional de Dança do Ceará possui vasta programação voltada para a dança contemporânea, incluindo cursos, apresentação de espetáculos e seminários),* o Festival Litoral Oeste *(realizado nas cidades cearenses de Itapipoca; Trairi e Paracuru, o Festival possui caráter artístico e formativo),* o Festival de Hip Hop *(criado em 2011, o Festival Cearense de Hip Hop - FCH2, oferece apresentações artísticas e atividades formativas voltadas para o Hip Hop, estilo de dança marcado pela improvisação e por*

Janne chegou ao foyer do Theatro José de Alencar bastante nervosa e passou um bom tempo se abanando com as folhas da pauta da Naiana. Mas fez questão de garantir que devolveria os papéis antes do início da entrevista.



guerreira, mãe de três filhos. O marido metia o chifre mesmo, e ela sofria muito, mas sempre era “guerreirona”. Um dia ela chegou na minha ONG dessa finura *(mostrando o dedo mindinho),* muito louca, muito louca *(ênfatizando).* Eu não sei lidar muito bem com essa história de droga, não, sabe? Eu nunca vi muito. Eu luto com a prevenção, não com o usuário. Ela chegou lá e eu nem imaginava que aquela mulher estava drogada.

Eu tenho uma amiga que trabalha com os Amarelinhos *(Casa dos Amarelinhos. Organização Não-Governamental de utilidade pública Federal, Estadual e Municipal, sem fins lucrativos, com sede em Maceió (AL), desde 1941),* a Mara. A Mara perguntou: “tu tá usando pó ou pedra?” Foi a pior frase que eu já ouvi na minha vida. Eu disse: “Pó? Pedra? Você está usando droga?” Eu tomei um susto tão grande! E foi uma mãe que eu perdi. Eu não perco só os filhos, eu perco mãe, também.

Camila – Janne, vamos mudar de assunto. Qual a sua análise do atual cenário da dança

competições formais ou informais entre dançarinos), tem festival das escolas, dos shoppings, não sei da onde, não sei da onde.

Cursos? Muitos! *(Os da) Vila das Artes (Equipamento da Prefeitura Municipal de Fortaleza voltado para a produção, pesquisa, formação e difusão cultural. Está localizada em um casarão no centro de Fortaleza),* o Fendafor abre vagas para 1200 alunos, para cursos com grandes mitos de todo o Brasil. Sabe o que a gente não tem? Uma companhia municipal. No mais, a gente só perde para São Paulo, de tão grande a nossa dança é. Nós temos livros lançados, faculdade de dança. A gente vive outro século, outra história totalmente diferente. O Ceará não tinha nada. A gente teve dois fóruns de dança. Tem é de dois, né? Não é para ser só um? Tem é dois.

Naiana – O que te motivou a criar o Fendafor?

Janne – Eu via tanto grupo da periferia, do interior do Estado, sem nenhuma oportunidade. Eles nunca iam ter dinheiro

O nervosismo da entrevistada também se devia a um suposto ataque de gavião: o zelador do Theatro havia dito à Janne que foi esse o bicho que a atacou, mas o professor Ronaldo comentou que poderia ser um pássaro menor, talvez um bem-te-vi.

O caso foi contado por Janne de forma tão espirituosa que suscitou muitas risadas e contribuiu para que a entrevista acontecesse em um clima mais tranquilo. Não final das contas, continuamos sem saber que bicho a atacou.

para uma produção. Então eu pensava: "É tanto bailarino que poderia estar mostrando seu talento, seu trabalho. Eles não têm oportunidade porque não têm dinheiro para investir nisso". Em 1996, eu fui convidada pelo Shiro (*Luiz Tamashiro, importante produtor cultural do Nordeste que faleceu em 2004*), um amigo que ajudou até a lançar na época o Festival de (*dança de*) Joinville. E eu fui convidada pelo Shiro para assistir ao Primeiro Festival Nacional de Dança do Recife. Quando eu cheguei no Festival de Dança do Recife, que eu vi aquele monte de grupo, monte de gente dançando, gente boa, gente ruim, preto, branco, azul... Eu achei tudo! Eu disse: "Eu quero um festival desse lá em Fortaleza". Para dar oportunidade à galera da periferia.

O Fendafor nasceu para abrir portas, mesmo. Ele veio para popularizar as Artes Cênicas e a Dança no Estado do Ceará. Essa meta, ele já cumpriu desde a primeira edição. O Fendafor (*é totalmente*) gratuito. O Fendafor hoje é um festival completo, ele tem ambiente para tudo. Ele tem palco para amador, palco para profissional, palco para infantil, infanto-juvenil, semiprofissional, mostra competitiva. São 16 sessões. Hoje passam 50 mil pessoas pelo Fendafor (*em cada edição*). Ano passado foram 53 mil pessoas que passaram pelo festival só em Fortaleza.

Camila – Quando o Fendafor foi criado, a organização era composta por você e outras bailarinas. Hoje apenas você está à frente. Houve algum rompimento com as outras bailarinas?

Janne – Sempre foi um sonho meu e da Goretti (*Quintela*) (*professora, bailarina e coreógrafa*). Não era das outras, era só meu e da Goretti. Em 2000, eu convidei outras duas (*pessoas*), a Elzenir Colares (*fundadora do Grupo de Tradições Cearenses, referência nacional no que diz respeito à cultura popular e tradicional*) e a Anália Timbó (*professora, bailarina e coreógrafa idealizadora da ONG Vidança*), para fazer esse grupo, porque elas já eram, há muito tempo, (*ligadas*) à

"O meu trabalho social não é importante só pelo que eu faço, (...) é pelo que ele encoraja as pessoas a fazerem, também."

dança popular e à dança contemporânea, e fortaleceria o projeto. (*Além disso*), eu era muito amiga delas.

A Elzenir Colares já tinha 70 anos, na época. Até 2005, a Elzenir Colares ficou, mas ela já estava com uma certa idade. Deixou pelo tempo mesmo. E a Anália Timbó tinha outros sonhos, e tinha um certo rompimento com a Goretti, elas não pensavam igual, tinham divergências. A Anália foi se afastando, (*ficamos*) eu e a Goretti. Em 2010, quando a gente completou 10 anos (*do Fendafor*), teve um grande prejuízo do festival.

Com o mesmo dinheiro que a gente fazia anualmente, eu fiz o festival, fiz um seminário internacional e ainda lancei um livro. A Goretti ficou muito chateada por isso que o governo fez a gente passar, de ter um prejuízo desse tamanho, de uma coisa que a gente só fez para o bem, e ela se afastou. Eu continuei sozinha. Eu estou há quatro anos sozinha no caminho. Mas estou muito feliz, tenho uma equipe ótima, hoje. A Kaira, minha filha, faz a parte de programação todinha, lida com mais de 200 grupos, com mais de 3.000 bailarinos, anualmente. E como é só ela que faz isso, sem ter outras pessoas para interferir, então dá tudo certo.

Pedro – Em entrevista concedida por você à *Revista de Dança*, falando sobre o Fendafor, você disse que não acredita no critério técnico para selecionar os grupos que participam do festival. Você disse: "Nossos



Ao notar a presença do fotógrafo, Janne ficou ainda mais preocupada com a aparência. Durante a entrevista, ela até aproveitou uma breve pausa para pentear novamente o cabelo.



Durante a entrevista, Janne tossiu bastante. O que fez Ronaldo sugerir uma interrupção na entrevista até que a tosse diminuísse.

convidados são escolhidos pela dança que tem coração". Foi dessa forma que você sempre pensou a dança para seus alunos? Como algo além da técnica?

Janne – Claro! É muito difícil técnica. Se eu fosse receber bailarinos e pessoas só pensando na técnica, ou se eu fosse abrir as portas do Fendafor só para técnica, o Fendafor *(seria)* elitizado. Eu estaria pegando dinheiro público e fazendo uma festinha com ele. Tem tanta gente fazendo festinha com dinheiro público, né? Eu não quero bailar nesse universo, não. É a única dança que eu não quero para a minha vida.

O primeiro ano do Fendafor foi uma mistura. Era gente maravilhosa no palco, e, quando saía entrava um grupo horrível. Eu vi que eu estava constringendo aquele grupo. Fui amadurecendo com o próprio festival. Hoje, à noite só dançam os grandes grupos. Eu recebo os grandes grupos, claro que eu recebo, e até pago para eles virem. Porque eles são vitrines, para os pequenos grupos verem aquela técnica e se encorajarem cada vez mais. Na mostra competitiva, todos os jurados têm obrigação de fazer comentário, porque é a única forma de o bailarino poder ver e melhorar. Eu tenho as noites dos grandes profissionais, os primeiros bailarinos do Brasil e do mundo, como eu tenho as tardes dos amadores, as noites do semiprofissionais. O Fendafor é profissionalismo, amadorismo, ele é amor, é oportunidade, ele é uma junção de coisas.

A ONG é a mesma coisa. Eu não faço audição para ninguém entrar na minha academia. Se chegar uma "meninazinha" lá com 100 kg, com 100kg ela vai ser muito bem recebida. Vai ser minha melhor amiga, né? Se ela tiver 100kg, porque ela vai conversar sobre como é que a gente vai emagrecer junto, né, minha filha?! *(Risos)*. Mas nenhuma vai ser constringida! Eu não aceito brincadeiras com meninas assim. Eu sei que ela não vai ser uma bailarina, eu não tenho nem dúvidas, mas o BCAD não é uma escola de balé, o BCAD é uma escola para a

vida, uma escola para formar cidadão.

A dança é o carro chefe, a dança é o caráter que chama. O que chama, mas ela tem toda uma história lá. A dança é a coisa boa, é a delicadeza, a harmonia. É bom demais dançar! E de graça, então, até injeção na testa. Mas lá ela tem aula de inclusão digital, de artes, apoio pedagógico... Tem tanta coisa para mudar o rumo da vida delas, *(que)* a dança vai ser um detalhe. A gente sabe que ela vai sofrer um pouquinho vendo as "meninazinhas" magrinhas dançando, mas ela mesma vai tomar o rumo da vida dela, não vai ser a gente.

Lívia – Na implantação do Fendafor você enfrentou alguma resistência por parte do cenário de dança?

Janne – Eu enfrento até hoje, querida. Porque eu tive a ideia, né?

Lívia – Que tipo de resistência?

Janne – De quererem tomar o Fendafor de mim. Já aconteceu tudo aqui, todas as resistências, todas! O dinheiro *(é)* muito pouco para festivais. Hoje em dia tem muitos editais, mas na época não tinha, e eu fui muito guerreira e consegui. E nessa época em que o governo mudou, era o Tasso *(Jereissati)* e entrou o Lúcio *(Alcântara)*, mudou a Secretária *(de Cultura)*, que era a Cláudia Leitão. A Cláudia Leitão já mandou me chamar querendo dizer que tinham reclamado do Fendafor, que tinha um grupo de pessoas que ia dirigir melhor o Fendafor.

E eu fui perseguida mesmo. Tiveram pessoas que foram trabalhar depois na Secult *(Secretaria de Cultura)*, desses que me perseguiram. Chegaram lá, cortaram metade da verba do festival. Foi um horror! Eu digo: "Quando pararem de me perseguir, de falar de mim, eu preciso me preocupar. Enquanto *(estiverem)* falando, está tudo bem, está tudo ótimo."

Camila – Janne, como surgiu a ideia de tornar o Fendafor um festival itinerante?

Janne – Se aqui estava ruim e tinha pouca oportunidade, imagina no interior. Hoje o Fendafor está em 14 municípios

Após a interrupção sugerida por Ronaldo, a entrevistada continuou tossindo bastante, durante, inclusive, as perguntas dos alunos, o que prejudicou a compreensão da produção no processo de transcrição da entrevista.

Janne foi bastante didática durante toda a entrevista, explicando termos do universo da dança e ilustrando-os com os próprios gestos.



“Aqueles pessoas que eu atendo são pessoas muito pobres, da periferia, pessoas em situação de risco de vulnerabilidade muito grande, situação de extrema pobreza, até de indigência.”

Após a última resposta da entrevista, Janne enfatizou a sorte que os estudantes presentes tinham e lembrou que muitos dos seus alunos gostariam de estar dentro de uma universidade.

e todo ano eu faço um trabalho também itinerante com a minha companhia de dança. O Fendafor, na hora (*em*) que ele vai para lá, ele não vai só para levar espetáculo e fazer coisas bonitinhas, não. Tem palestras, vídeos educativos, vídeodança, cursos, seminários...

A gente faz uma programação muito extensa, toda gratuita, para o interior, e é muito legal, porque, já que eles não têm dinheiro para vir até aqui, a gente vai até lá, atende àquele município e mais ao entorno, e aproxima as artes cênicas daquela galera. Você tem de aproximar música, dança, o teatro. Gente, quem neste século não tem nenhuma aproximação com arte está lascado. Não tem outra coisa, não, é o fim.

Monique – Qual é a sua expectativa quanto ao futuro do Fendafor?

Janne – O Fendafor vai ser sempre um festival enorme em oportunidade. Ele sempre vai atender a mais grupos novos. E a outra expectativa minha é mais no interior. Eu quero pelo menos alcançar as regiões e as macrorregiões. Já estou em todas regiões do Ceará, mas eu quero ir nas macro(*regiões*), agora. Eu estou em 14, mas meu sonho é estar em uma média de 25 municípios. Aí eu atinjo 184, como eu queria.

Cinthia – Você falou que está há 27 anos casada e você e seu marido trabalham juntos. Como é a relação de vocês?

Janne – Ele é microempresário e tem uma loja. A gente trabalha junto há pouco tempo. Quando eu consegui com o BID (*Banco Interamericano de Desenvolvimento*)(*verba*) para construir o BCAD, como ele trabalhava na construção civil, ele veio me ajudar. Ele me ajudou a fazer licitação, (*por*)que eu não sabia como proceder, ele me ajudou em tudo. Porque, quando eu construí o BCAD, já fazia três anos que eu tinha conseguido o dinheiro, então já era muito menor o dinheiro para o tamanho da obra que eu tinha proposto inicialmente. E ele falou com muitos amigos, e conseguiu o projeto de graça. Nessa época ele foi se envolvendo.

Ele é meu cérebro hoje lá, (*porque*) faz aquilo que eu fiz e nunca gostei: lidar com pagamento, lidar com administração. Eu detesto isso, eu sou artista, eu gosto de lidar com dança, eu gosto de lidar com essas coisas, eu gosto de lidar com apresentação, com balé, com isso. O Flávio é meu grande parceiro.

Cinthia – Essa participação dele na ONG mudou alguma coisa na relação de vocês?

Janne – A nossa relação é muito boa. Meu marido é o melhor marido do mundo, eu que não sou essas esposas toda, mas ele é maravilhoso.

Camila – Além da participação do seu marido Flávio, uma pessoa que ajuda muito é a Kaira. Como ficou a relação de vocês de “mãe e filha”, com a Kaira sendo seu braço direito na companhia e no Fendafor?

Janne – A Kaira é quem me coloca nos eixos. A Kaira que manda em mim! Pode publicar! Ela que manda em mim. Quando eu faço as coisas erradas ela diz: “Mãe, não está certo.” “Mãe, para de fazer com o coração.” “Mãe, presta atenção.” “Mãe, você aceitou um grupo sem falar comigo.” Ela trabalha muito bem. A Kaira é quem me freia. A Kaira é a pessoa mais importante na minha vida na dança. A Kaira trabalha divinamente bem, dança iluminada no palco, ela é linda dançando, é uma grande coreógrafa.

Deu tudo certo, ainda tem uma filha linda, né? A Kaira é diferente demais da minha outra filha. Ela é uma bênção para mim. O Fendafor hoje eu nem vejo mais, é tudo nas costas dela. Ela tem uma coordenação, que é a principal, e uma equipe enorme trabalhando com ela. Porque eu já estou cansada, já tenho 51 anos, o tempo passa. Eu já trabalhei demais. Hoje ela faz isso, e sempre me liga para dizer: “Mãe, como é que a senhora fazia tudo isso?” “Mãe, a senhora é minha heroína”. Então, a gente é muito amiga, mas ela que me coloca nos eixos.

Chloé – No início da entrevista, quando a gente estava falando da sua infância, você disse que toda mãe prefere que sua filha faça balé. E a sua filha Ruth, é campeã de karatê. Além disso, ela não seguiu seus passos na dança, como a Kaira. Você sente uma espécie de decepção com a Ruth?

Janne – Não, nem um pouco. Eu só fiquei, na época, apavorada com isso. Porque meus filhos com dois anos já botam o collant, (eu) já mando desenhar o nomezinho “Ruthinha”, “Kaira” (no collant), boto aquelas coisas de mãe. Meus filhos foram criados dormindo nos colchonetes enquanto eu dava aula, os três, até o menino. A Ruth fez balé, e com sete anos é que foi fazer karatê, mas ela não deixou o balé. Eu achava muito estranho.

Eu tinha muito medo de ela gostar mais do karatê que do balé. Meu marido é que dizia: “Mas Janne, não é obrigado a ser tudo igual a ti, não, ela pode gostar de outra coisa. Tenha calma! A Ruth é diferente”. Ela sempre foi diferente. Desde o meu parto a Ruth foi diferente. Eu não me decepcionei, porque ela foi logo uma “campeãzona” de karatê, Eu já achei maravilhoso aquilo ali, eu já entrei no karatê. É tanto, que eu coloquei karatê na minha ONG. Hoje eu sou a única ONG do Norte-Nordeste que tem campeonato próprio.

Eu aprendi a amar o karatê com a Ruth. Ela me ensinou o outro lado da vida que eu não sabia. Eu ia morrer sem saber como o karatê tem uma disciplina muito bonita e é tão especial, o trabalho, a postura. Ele é tão envolvente e importante quanto o balé clássico. No começo eu resisti para não levá-la para o karatê. Mas ela queria ser o Jaspion (*super-herói japonês, protagonista da série O Fantástico Jaspion*), ela disse isso para o pai dela, e o pai dela (me dizia): “Deixa ela, que ela vai ver que não é isso que ela quer”.

A menina se transformou em uma “campeãzona” brasileira, Norte-Nordeste, cearense. Ganhou duas medalhas de ouro no Pan-Americano, no Mercosul (*Copa Mercosul de Karatê*), na Argentina... Ela é uma menina incrível! A Ruth foi o grande orgulho da minha vida, ela foi o grande impacto da minha vida. Ela não deixou de dançar, mas eu notava que ela ia um pouco à força, para me agradar. Eu dizia: “Filha, se você não gostar, não tem problema.” E ela (respondia): “Não, mãe, eu não tenho é tempo, eu estou estudando para a prova, não sei o quê”, e foi se afastando da dança. Quando ela fez o Enem (*Exame Nacional do Ensino Médio*) e passou para Psicologia, ela abandonou o karatê. Hoje, a Ruth é dedicada ao trabalho social de uma forma linda, ela dirige uma ONG. Hoje eu não tenho nenhuma decepção, mas, na época, na hora, eu fiquei passada.

Naiana – A Ruth nos falou que, quando ela era adolescente, ela levava mendigo

Depois da entrevista, após posar para as fotos, Janne perguntou à turma o que estava escrito nos papéis que circulavam entre eles durante a entrevista. Hugo e Chloé responderam que se tratava da sinalização do tempo de duração da entrevista.



Depois da entrevista, visivelmente emocionada, Janne deu um longo abraço em Naiana e em Chloé.

Após a entrevista, Ronaldo precisou se ausentar o mais rápido possível do teatro, pois tinha uma orientação de monografia marcada com um aluno.

“Na época, eu pensava: “Só são 170 meninas que eu atendo”, mas veja bem, faz vinte anos. Hoje são 13 mil (crianças atendidas pela ONG). Olha como valeu a pena, né?”

para casa e alimentava, cuidava... E você a defendia nesse posicionamento, enquanto o pai dela era meio reticente. O que levava você a fazer isso nesse nível tão grande? Era o trabalho com a ONG?

Janne – Quando aquela pessoa entrava na minha casa, se a minha filha tinha levado, se a minha filha queria ajudar, e aquelas pessoas precisavam e se eu pudesse, eu ia ajudar. Quanto ao pai dela, *(ele)* tinha medo de um desses ser um estuproador, matá-la, fazer algum mal a ela. O pai dela sempre entendeu muito o trabalho dela, mas *(ele)* tinha um cuidado com a menininha, com a filhinha, porque a Kaira não é filha dele.

Quando ele acordava de madrugada, tinha quatro homens na minha casa. Eles contavam as histórias deles. Um era estuproador, outro tinha matado. Eu dizia: “Não façam nada com a Ruthinha, não.” E eles: “De jeito nenhum, a Ruth é nossa mãe”. Eu tinha certeza que Deus nunca ia deixar acontecer nada com a minha filha, mas o pai dela não tinha essa certeza. O pai dela tinha medo e dizia: “Janne, vai lá embaixo, ver se a Ruth trancou a porta do quarto. *(Para)* esses caras dormindo aí *(não)* fazerem alguma coisa com a minha filha”.

O pai dela sempre era muito apavorado com isso, sempre achava muito bonito o que ela fazia, mas não queria que ela levasse para dentro de casa. Ele sempre queria alternativas. Eu, não, eu botava até no meu quarto, se fosse possível. Eu fazia qualquer negócio para atender. Eles não iam sair dali da forma que eles entraram, só se eles quisessem. E todas as vezes *(em)* que eu me acordei às cinco horas da manhã, e via essas pessoas na minha casa, eu botava eles na mesa e tomava café com eles. E ficava na maior amizade. Quando a Ruth acordava, eu já sabia da vida deles todinha. Eu fui com

meus filhos desse jeito, amiga, sempre.

Hugo – Você teve a sorte de ter uma filha que de certa maneira seguiu seus passos na dança, outra que seguiu sua verve social, e você tem um filho pré-adolescente. Se ele não quiser trabalhar nem pelo social nem pela dança, tem problema?

Janne – Social ele vai seguir, viu? Ele já faz isso. A dança ele não vai seguir, não. O pai dele botou na cabeça que não pode, *(que é)* coisa de “veado”, e o menino está entrando nessa. Mas ele nunca quis dança, ele é todo machão, louco por futebol. Meu filho rouba dinheiro de mim para dar para os pobres. A gente vem para os festivais, quando eu trago a comunidade para cá, ele diz: “Mãe, me dá R\$5”. Eu dou, e quando vejo está uma fila ali, ele comprando merenda pra “todinhos”. *(Ele diz):* “Mãe, a senhora tem de dar uma cesta básica para o filho daquela mulher do karatê, mãe, ele estava me contando aqui que não tem nada para comer.” Eu sei que ele é assim, porque eu também vi a Ruthinha assim quando era pequena.

Naiana – Você acha que de alguma forma seus filhos fazem esses trabalhos porque corresponderam às suas expectativas, ou porque eles se interessaram mesmo por isso?

Janne – Eu acho que tem a influência da questão da dança na Kaira. Porque a Ruth foi para outro caminho. A Ruth, a questão social dela é muito diferente da minha. A questão social dela é muito voltada para a Igreja, muito do amor dela por Deus, e é desde muito adolescente. Com 15 anos, a Ruthinha já fazia trabalho social mesmo, de linha de frente.

A Kaira segue todo esse meu trabalho, porque foi influenciada mesmo, virou a grande bailarina e é apaixonada por esse mundo. Ela diz: “Mãe, graças a Deus que a senhora é uma pessoa que dançou, que tem a sua vida voltada para as artes, que é muito bom trabalhar com isso”. A influência é muito grande, eu não tenho nem dúvidas disso.

Naiana – Você teria se decepcionado se eles não tivessem seguido esse caminho?

Janne – Não sei, nem quero pensar. Acredito que sim, um pouquinho. Com a Ruthinha eu quis, né? Acho que sim, um pouquinho.

Camila – Qual foi a maior lição, a mais importante que você aprendeu em todos esses anos de trabalho social?

Janne – A maior lição que eu acho que eu estou tirando é o que eu posso deixar para os meus filhos *(e)* para os meus alunos. Isso nunca vai ter fim. Amanhã talvez eu tenha uma nova coisa boa que vá acontecer. Todo dia eu tenho um desafio. Não sei qual

Na aula seguinte à entrevista, Ronaldo comentou que foi do Teatro José de Alencar à UFC correndo, devido à demora do ônibus que esperava. Por estar muito suado, o professor recisou fazer a orientação sem camisa.

é o de amanhã. A maior alegria da minha vida, primeiro, é Deus ter me dado a chance e a oportunidade de ser a mulher que eu sou. Isso não tem preço para mim, de jeito nenhum.

Hugo – A sua filha Ruth disse que você é uma pessoa que tem o coração tão aberto, que não sabe dizer “não”. Nessa perspectiva, você acha que em algum momento faltou dizer “não”?

Janne – Eu não sei dizer “não”. *(Esse é)* meu grande problema. Eu passei um tempo me escondendo para não dizer o “não”. Agora eu estou igual a deputado, estou colocando pessoas para responder por mim, porque eu não sei dizer e sofro muito com isso.

Lívia – Você disse que, no início, quando não sabia direito como fazer as coisas de hoje, você não dava muita atenção para os filhos, porque trabalhava demais. Disse que o seu trabalho só atrapalhou nisso. Hoje você se arrepende de ter se dedicado tanto ao trabalho em detrimento dos filhos?

Janne – Não, porque deu tempo de resgatá-los. Eu me toquei quando eu ouvi isso da Ruth, mesmo. Ouvi da Ruth e ouvi do Flavinho. Eu comecei a conversar mais com eles, a sair mais com eles, eu comecei a recuperar o tempo perdido. Mas eu perdi um tempo, sim. Eu me envolvi no trabalho de uma forma que eu não me lembrava direito nem dos meus filhos, eu perdi um tempo com eles, mas eu resgatei. Eu também não me arrependo, porque na hora *(em)* que eu estava perdendo o tempo com eles, eu via que tinha tanta criança precisando de mim. Foi preciso eu perder aquele tempo.

Lívia – E hoje seus filhos entendem isso?

Janne – Demais! Eles me ajudam.

Pedro – Janne, você não dança mais desde os 41 anos. Depois dessa decisão,

você não sentiu falta?

Janne – Um pingo. Deus me livre! Eu sou toda aleijada. Tenho dor no joelho, dor nos pés, dor em todo canto. Eu sentia muita dor no palco e eu não sinto mais essa dor. Mas eu não sinto porque eu vejo a minha filha no palco, e as pessoas que eu ensinei a dançar. Se eu não tivesse isso, talvez eu tivesse ficado louca.

Era tanta coisa *(para fazer)*, que eu tive de escolher. Achei que construir um trabalho e dirigir bem a minha companhia foi mais importante.

Naiana – Janne, com tantas vivências, você acha que em algum momento você vai acreditar que a sua missão está cumprida?

Janne – Enquanto o Senhor me der vida, eu vou estar cumprindo a minha missão. Acho que essa missão é até o dia de eu ir para o túmulo. Agora, em cada dia meu é cumprido o que eu tenho que fazer, mas eu ainda acho que eu posso fazer mais, que eu posso ser muito melhor, e eu me esforço para isso.

Como a minha vida é muito puxada, são duas ONGs, a escola particular, que mesmo eu não cuidando, eu tenho de dar atenção, o Fendafor, o Festival de hiphop, (que eu sou madrinha dessa galera da periferia) e o trabalho no interior. São muitas coisas que me perguntam, que vem me pedir, *(muita)* gente que convida para dançar.

Eu não consigo ser tão 100% como eu queria no meu trabalho, mas todo dia eu estou vivendo, de certa forma, como um alcoólatra da dança: um dia de cada vez e fazendo aquilo que eu posso. A minha missão *(só vai estar concluída)* no dia que eu morrer, mas eu vou ficar feliz sabendo que outras pessoas vão seguir, principalmente os meus filhos.



Assim que a equipe de produção recebeu as fotos da entrevista, foi à sala do professor Ronaldo para fazer a escolha das principais em conjunto. A revista de Número 31 havia acabado de ser recebida pelo orientador do projeto.

Durante o processo de avaliação da entrevista, Lívia e Cinthia confessaram que se surpreenderam positivamente com o desenvolvimento da entrevista com Janne Ruth.